

A PAISAGEM NO ENSINO DA GEOGRAFIA¹

*Geovane Aparecida Puntel**

Resumo

O presente artigo objetiva refletir sobre a importância da paisagem no ensino da Geografia. Essa reflexão é, em parte, resultado de uma pesquisa realizada em nove escolas de Educação Básica de Santa Cruz do Sul/RS, para a qual onze professores de Geografia da 5ª série do Ensino Fundamental foram entrevistados. Percebeu-se que os professores que não possuem clareza conceitual de Geografia apresentam mais dificuldades nas reflexões sobre o processo ensino/aprendizagem. Entende-se que a construção do conceito paisagem no ensino da Geografia é importante por ter uma relação muito próxima com o lugar e, a partir dele, é possível começar uma reflexão sobre as dimensões e contradições que o constroem e reconstroem constantemente. No decorrer do artigo, busca-se iniciar uma discussão, considerando a complexidade do assunto, resgatando a evolução do conceito paisagem na abordagem de diferentes teóricos em diferentes tempos. Percebe-se que a paisagem, enquanto objeto de estudo, foi evoluindo, já que o método de análise e os paradigmas foram sendo revistos. Por fim, aborda-se a necessidade de (re)significar o estudo da paisagem na Geografia Escolar, a fim de que ela se torne significativa para aqueles que a constroem e que nela vivem.

Palavras-chave: Ensino. Geografia. Paisagem.

Abstract

This article aims to ponder over the importance of the landscape in the Geography teaching. This, partly, is result of a research developed in nine Schools in Santa Cruz do Sul, RS and to which eleven Geography teachers

¹ Este artigo é resultado de reflexões realizadas na dissertação de mestrado intitulada "Paisagem: uma análise no ensino da Geografia", orientada pelo prof. Dr. Roberto Verдум do programa de Pós-Graduação em Geografia – UFRGS.

* Licenciada em Estudos Sociais – Hab. Geografia pela UNISC; Mestre em Geografia pela UFRGS; professora de Geografia na Rede Estadual de Ensino do Rio Grande do Sul e Privada em Santa Cruz do Sul/RS. Endereço: Av. Independência, 1122, Apto 402 Bloco B Santa Cruz do Sul/RS 96815-000

E-mail: geopuntel@viavale.com.br. Fone: (051) 3717-2955 e Fax (051) 3717-4647.

of the fifth grade were interviewed. It was noticed that the ones who are not sure about the geographical concepts show difficulties concerning the teaching/learning process. It is understood that the construction of the concept of landscape in Geography is important because it has a very close relation with the place, and from it, it is possible to start a ponderation over the dimensions and contradictions that build and rebuild it everyday. On the article, it is aimed to start a discussion, considering the issue complexity, recovering the evolution of the landscape concept on the approach to different theorists in different times. It is noticed that the landscape while study matter, was evolving, once the analysis method and the paradigms were being revised. At last, the necessity of (re)signifying the study of landscape in School Geography, to make it more meaningful to those that build it and live in it, is approached.

Keywords: Teaching. Geography. Landscape.

Title: The landscape in the Geography teaching.

Introdução

Percebe-se no ensino da Geografia Escolar³ a quase ausência, das categorias e das reflexões espaciais. Em muitos momentos, falta conexão entre os temas abordados e a relação com as categorias geográficas. Entende-se que se faz necessário articular os assuntos trabalhados na Geografia Escolar com esses conceitos básicos para, com isso, relacioná-los com a vida do aluno. É necessário destacar as implicações espaciais e as categorias geográficas na análise de cada conteúdo abordado.

Esse cenário é confirmado a partir da pesquisa realizada com onze professores para dissertação de mestrado "Paisagem: uma análise no ensino da Geografia". Também se confirma através dos estudos de Kaercher (2004: 188), que afirma que a falta de clareza para alguns professores, acerca do que se deseja ao ensinar Geografia, resulta na pobreza cognitiva e reflexiva, pois o que predomina é a lógica informativa,

³ Esta expressão, quando mencionado o ensino da Geografia referem-se à disciplina de Geografia no ensino básico.

um somatório de dados, não raro faltando um eixo, uma espinha dorsal que conduza o raciocínio. “Não é à toa que a palavra ‘espaço’ e as categorias correlatas à Geografia são bastante incomuns nas aulas. Quando citadas, muito raramente são construídas, são explicadas, são questionadas ou tencionadas”.

Considerando essa realidade, propõe-se neste artigo refletir sobre a importância da paisagem no ensino da Geografia, a proximidade que existe entre o estudo da paisagem e do lugar, a paisagem de acordo com as múltiplas concepções geográficas e a necessidade de (re)significar o estudo da paisagem no ensino da Geografia.

1. A paisagem na Geografia

A Geografia, como disciplina escolar, tem como objetivo contribuir para a formação integral dos educandos. O papel dessa área do conhecimento é refletir, compreender, observar, interpretar e saber pensar o espaço geográfico, que é um produto histórico, que revela as práticas sociais das pessoas que nele convivem. Esse espaço geográfico pode ser lido e entendido de diferentes formas.

Para Suertegaray (2000: 13-14) “[...] os conceitos geográficos expressam níveis de abstração diferenciados e, por conseqüência, possibilidades operacionais também diferenciadas”. Na compreensão da autora, o espaço geográfico é o conceito balizador da Geografia, e deve ser pensado como um todo uno e múltiplo, aberto a múltiplas conexões.

O espaço geográfico pode ser lido através do conceito de paisagem e/ou território, e/ou lugar, e/ou ambiente, sem desconhecer que cada uma dessas dimensões está contida em todas as demais. Paisagens contêm territórios que contêm lugares que contêm ambientes valendo, para cada um, todas as conexões possíveis. (Ibidem: 31).

A paisagem é considerada um instrumento essencial de leitura e de aprendizagem no ensino da Geografia. Acredita-se que seja importante desenvolver, nas crianças e nos adolescentes, a capacidade de compreensão das diferentes paisagens, reconhecendo seus elementos,

sua história, suas práticas sociais, culturais e suas dinâmicas naturais, assim como a interação existente entre eles. Portanto, há uma necessidade de ressignificar a paisagem no ensino e na aprendizagem da Geografia, pois, conforme Corrêa e Rosendahl (1998: 8) "este conceito foi relegado a uma posição secundária, suplantada pela ênfase nos conceitos de região, espaço, território e lugar".

Apesar de a idéia de paisagem estar presente desde a antigüidade, principalmente na pintura e na arte, a incorporação desse conceito nos estudos acadêmicos é uma criação da modernidade. Foi somente a partir do século XIX que a Geografia adquiriu estatuto científico, definindo um objeto de estudo, uma metodologia e uma epistemologia própria. Só então ela surge como uma disciplina com conhecimentos sistematizados.

Estudar a Geografia, levando em consideração a paisagem, passa a ser de extrema importância, pois, através dela, é possível compreender, em parte, a complexidade do espaço geográfico em um determinado momento do processo. Ela é o resultado da vida das pessoas, dos processos produtivos e da transformação da natureza.

Para Roux (2001: 99), a Geografia Escolar é uma disciplina de reflexão sobre as identidades individuais e coletivas, disciplina de iniciação às ciências sociais, a seus objetos, a suas problemáticas, a seus procedimentos e a seus métodos, é disciplina de formação política. Além disso, é a paisagem que revela a imbricação, a relação entre o social, o cultural, o intelectual, o patrimonial e o cívico, e são essas relações que motivam e justificam a presença da Geografia e da paisagem nas escolas.

Assim, é importante que desde cedo os educandos aprendam a ler o mundo, a entender a complexidade da realidade. Isso pode iniciar quando a criança reconhece o lugar, conseguindo identificar as diferentes paisagens e entendendo que elas são naturais, humanas, históricas e sociais. Elas existem e se justificam pelo trabalho da sociedade, fruto de um determinado momento do desenvolvimento das forças produtivas e aparecem aos nossos olhos de muitas formas, cores, odores, sons, sendo construídas nas relações sociais, conectadas às dinâmicas da natureza.

O estudo da paisagem necessita de constante atualização, precisa sempre estar sendo discutido. Conforme Corrêa e Rosendhal (1998: 8), “a paisagem tem se constituído em um conceito-chave da Geografia, tendo sido vista como conceito capaz de fornecer unidade e identidade à Geografia num contexto de afirmação da disciplina”.

Conforme os PCNs⁴ (1998: 28), a paisagem tem um caráter específico para a Geografia, distinto daquele utilizado pelo senso comum ou por outros campos do conhecimento. É definida como sendo uma unidade visível, possui uma identidade visual, caracterizada por fatores de ordem social, cultural e natural, contendo espaços e tempos distintos: o passado, o presente e, até mesmo, o futuro. A paisagem é o velho no novo e o novo no velho.

Com o objetivo de se tornar significativa a paisagem no ensino e na aprendizagem da Geografia, surge a necessidade de retomar com mais intensidade esse conceito. Ele, se bem conduzido, contribui para uma reflexão e para um entendimento da complexidade da relação entre a sociedade e a natureza, objeto central de estudo da Geografia.

Vila (1992) considera importante incluir no currículo acadêmico e escolar os estudos da paisagem, como resposta às novas necessidades de formação. A partir do estudo da paisagem, que é um objeto de estudo complexo, é possível desenvolver determinadas atitudes, valores e normas básicas para a formação dos cidadãos.

2. O estudo da paisagem e a relação com o lugar

O ensino da Geografia deve propiciar aos educandos uma melhor compreensão do espaço geográfico em todas as suas dimensões e contradições. Conforme Pereira, citado por Cavalcanti (2004), o ensino da Geografia tem como missão alfabetizar o aluno na leitura do espaço geográfico. A categoria paisagem pode contribuir nessa compreensão e

⁴ Parâmetros Curriculares Nacionais – É um documento do Ministério da Educação e do Desporto, que contém os parâmetros que devem nortear o currículo do Ensino Fundamental.

alfabetização do espaço geográfico, pois a leitura da paisagem, se bem conduzida, levará à aprendizagem da complexidade da relação da sociedade com a natureza.

Conforme a mesma autora, a construção do conceito de paisagem no ensino de Geografia é importante por ter uma relação muito próxima com o lugar. É um conceito chave no sentido de começar uma reflexão sobre as variáveis que determinam cada lugar. Sabe-se que é a partir do lugar que se começa a ter um entendimento maior do espaço geográfico. Para Beringuier e Beringuier (1991: 8), estudar a paisagem é fundamental, pois possibilita uma maneira de olhar, de compreender, de conhecer, de amar o lugar e de agir sobre ele mesmo.

Nesse mesmo sentido, Callai (2000: 97) considera que “o lugar mostra, através da paisagem, a história da população que ali vive, os recursos naturais de que dispõe e a forma como se utiliza tais recursos”. Percebe-se então, que a partir da paisagem é possível compreender em parte a realidade num determinado momento, pois a paisagem está em constante mutação.

É importante entender também que a paisagem, ao se apresentar dessa ou daquela forma, não é por um acaso, pois muitas foram as interferências da sociedade, dos processos produtivos e dos próprios movimentos da natureza, visto que a fisionomia da paisagem também se explica pelos agentes internos e externos da natureza.

Para a análise da paisagem atingir o seu verdadeiro significado, é necessário o entendimento de alguns elementos, que, conforme Santos apud Cavalcanti, são indispensáveis, tais como:

cada tipo de paisagem é a reprodução de níveis diferentes de forças produtivas; a paisagem atende a funções sociais diferentes, por isso ela é sempre heterogênea; uma paisagem é uma escrita sobre a outra, é um conjunto de objetos que têm idades diferentes, é uma herança de muitos momentos; ela não é dada para sempre, é objeto de mudança, é resultado de adições e subtrações sucessivas, é uma espécie de marca da história do trabalho, das técnicas; ela não mostra todos os dados, que nem sempre são visíveis, a paisagem é um palimpsesto, um mosaico. (Cavalcanti, 2004: 99).

Percebe-se que são muitas as dimensões de análise, e que estudar o espaço geográfico, tendo como ponto de partida a paisagem, é muito mais complexo do que normalmente o senso comum⁵ considera. É necessário, contudo, que o estudo da paisagem seja profundo e contemple o maior número possível de elementos que a formaram e são responsáveis pelas constantes transformações e pela dinamicidade das mesmas. Ao contemplar o estudo do espaço geográfico, tendo como conceito-chave a paisagem, faz-se necessário levar em consideração a dimensão objetiva e subjetiva da paisagem e o seu processo de construção e reconstrução que são permanentes.

É possível permitir que o educando vivencie empiricamente a identificação do seu lugar através do estudo da paisagem. Para isso, é preciso considerar os mais variados elementos que a formam, ou seja, seus diferentes determinantes e dimensões. Para isso acontecer, para o educando ver sentido no estudo da paisagem, é importante trabalhá-la como algo que está presente na vida de cada um, que faz parte da sua história, algo vivo que está em constante modificação pelas pessoas que ocupam aquele espaço e interagem constantemente com ele, e cada um, direta ou indiretamente, ajuda a construir a paisagem que ocupa.

Nesse sentido, Cavalcanti (2004: 101) alerta que “caberia ao ensino trazer a “paisagem” para o universo do aluno, para o lugar vivido por ele, o que quer dizer trazer a paisagem conceitualmente como um instrumento que o ajude a compreender o mundo em que vive”.

⁵ Aqui o termo refere-se a definição simplista, que freqüentemente é dada a paisagem, relacionando a mesma, apenas ao belo, conceito que é elaborado a partir de conhecimentos da mídia, das relações familiares, da cultura em geral. Conforme os PCNs, espaço geográfico, **paisagem**, território e lugar estão associados à força da imagem, tão explorada pela mídia. Pela imagem, a mídia traz à tona valores a serem incorporados e posturas a serem adotadas. Retrata, por meio da paisagem, as contradições em que se vive, confundindo no imaginário aquela que é real e a que se deseja como ideal; toma para si a tarefa de impor e inculcar um modelo de mundo, de reproduzir o cotidiano por meio da imagem massificante repetida pelo bombardeamento publicitário, sobrepondo-se às percepções e interpretações subjetivas e/ou singulares por outras padronizadas e pretensamente universais. A Geografia estaria, então, identificada como a ciência que busca decodificar as imagens presentes no cotidiano, impressas e expressas nas paisagens e em suas representações, numa reflexão direta e indireta e imediata sobre o espaço geográfico e o lugar. (PCNs, 1998: 29). (Destaque meu).

A partir do entendimento do mundo em que vive, que é uma parte de um todo maior e que representa características desse todo, o educando pode ver mais sentido no estudo do espaço geográfico, interessando-se pelo assunto por sentir que ele é um agente participante, um sujeito vivo, que tudo está interligado e inter-relacionado.

O educador tem o compromisso de fazer com que o educando perceba além do visível, com que ele consiga buscar explicações para aquilo que está além das aparências. Nesse contexto de perceber o espaço geográfico como algo dinâmico e com muitas contradições e adversidades, Kaercher (2000: 168) considera que:

é importante superar a visão do espaço como palco, como suporte de nossa existência mostrando-o como algo dinâmico e extremamente influenciador de nossa vida, mostrando aos alunos que as vivência e reflexões espaciais nos acompanham a todo instante e que dependem de nossa classe social e também de nossa condição de etnia, gênero, religiosidade e outras questões.

Pode-se compreender o espaço geográfico de diferentes formas, usando diferentes categorias ou conceitos chave da Geografia, porém o mais importante é buscar um processo ensino/aprendizagem preocupado em ajudar a formar pessoas mais comprometidas e com raciocínios e conhecimentos claros a respeito do espaço que ocupam. Deve-se possibilitar aos educandos a prática de pensar sobre os fatos e acontecimentos mediante várias explicações. Se conseguirem pensar o espaço de forma mais abrangente e ativa, com certeza, a sua participação na comunidade em que vivem será mais efetiva e a atuação será mais consciente.

3. Paisagem e suas ambigüidades conceituais

Considerando a trajetória da Geografia, percebe-se que o conceito paisagem, dentro dessa área do conhecimento, foi evoluindo conforme as diversas abordagens geográficas. Por isso, é preciso pensar a paisagem de

acordo com essas múltiplas concepções geográficas. O entendimento desse conceito depende da formação, das influências culturais, sociais e discursivas de cada geógrafo.

Foi com os grandes clássicos modernos da Geografia no século XIX, tais como Humboldt (1845-1926), Ritter (1779-1859), La Blache (1845-1918), Ratzel (1844-1904), Troll (1899-1975), que o conhecimento geográfico começa a adquirir seu estatuto científico, a ser definido como um objeto de estudo, uma metodologia e uma epistemologia. Foi com esses clássicos que o conceito de paisagem começou a ser usado na Geografia, como método e como transcrição de dados sobre determinadas áreas do planeta. Os estudos baseavam-se na relação homem e natureza, e as técnicas de análise eram basicamente de observação, de descrição e de representação. Prevalencia a sobreposição dos fatos, não a integração dos mesmos. Apreciava-se muito a relação homem - natureza na perspectiva da paisagem.

Há uma tendência muito forte de se pensar a paisagem a partir do que se está vendo e automaticamente descrever o que a visão alcança, sem fazer relação entre os elementos que compõem a paisagem. O que se observa, em um dado momento, é resultado de uma inter-relação de vários elementos que determinam a existência de uma ou de outra paisagem.

Toda paisagem apresenta característica própria, tem forma e marca que resultam da interação da sociedade com a natureza. A visão fisionômica da paisagem é a primeira aproximação da realidade, é a aparência, e cada paisagem cumpre uma função de acordo com as condições próprias do lugar, seja ela estética, política, estratégica, econômica, cultural, histórica, para permitir uma determinada organização e funcionalidade.

Sauer em 1925 definiu a paisagem como o conjunto de formas naturais e culturais associadas. Ele entende que os objetos existem juntos na paisagem, formam "um todo", ou seja, aspectos físicos e culturais a um só tempo.

Na perspectiva de particularizar a área estudada, Sauer escreveu, em 1925, que “a área ou a paisagem é o campo da Geografia, porque é uma importante seção da realidade ingenuamente perceptível e não uma idéia sofisticada. A Geografia assume responsabilidade pelo estudo de áreas porque existe a curiosidade comum acerca desse assunto” (Corrêa e Rosendhal, 1998: 15). A Geografia tradicional deu ênfase maior à descrição de áreas com observações freqüentes sobre a inter-relação de fatos ocorridos em uma determinada área.

A descrição, para Sauer, não pode ser feita de uma cena individual, mas de um somatório de características gerais. Na concepção dele, paisagem é, em essência, uma forma da Terra cujos processos de modelagem são físicos e culturais ao mesmo tempo, possuindo uma identidade calcada em uma constituição reconhecível, limites e relações com os outros lugares num contexto maior (Sauer, 1982).

Sauer considerava que toda ciência só adquire uma identidade através da escolha de um objeto e de um método. Para ele, no caso da Geografia, a paisagem deve ser o único objeto fundamental da pesquisa geográfica. Sauer acreditava que, através do estudo da paisagem, resolveria a oposição entre a Geografia física/humana, geral/regional e a inexistência de um método próprio (Gomes, 1996: 230-231).

Por volta dos anos 50 do século XIX, o geógrafo alemão Carl Troll entende que a Geografia encontrou, na paisagem, um objeto próprio e que ela deve ser vista como a unidade orgânica. Nos seus trabalhos, a biologia e a ecologia subsidiaram a Geografia. Troll considera que toda paisagem se apresenta ao geógrafo dotada de uma certa fisionomia. Seus distintos aspectos, tantos os visíveis como os não-visíveis, encontram-se em uma determinada relação funcional. Pode-se, no entanto, distinguir um conceito fisionômico formal de um funcional da paisagem. O formal refere-se ao espaço que se apresenta como uma totalidade de qualquer ponto de vista. Já o conceito funcional refere-se ao resultado da

apreciação de todos os geofatores, incluídas a economia e a cultura humana que se encontram em interação (Troll, 1982).

Conforme o mesmo autor:

Todas as paisagens refletem as transformações temporais e conservam testemunhos de tempos passados. Porém, enquanto que as paisagens naturais somente variam num ritmo geológico, as paisagens econômicas mudam relativamente depressa de geração para geração, inclusive durante a própria observação do geógrafo. (Troll, 1982: 325). (Tradução minha).

Entre os geógrafos dos anos 70, houve um grande debate acerca da nova visão da concepção de paisagem, agora vista de forma global e sistêmica. A paisagem ganha atenção para seu estudo de forma integrada com Bertrand, que propõe o estudo geossistêmico⁶ da paisagem, uma combinação dos elementos físicos, biológicos e antrópicos, um conjunto geográfico indissociável, uma interface entre o natural e o social, enfim, uma análise em várias dimensões.

Para Bertrand (1995: 99), a paisagem é um sistema, ao mesmo tempo social e natural, subjetiva e objetiva, espacial e temporal, produção material e cultural, real e simbólica. Uma análise que separa os elementos que constituem as diferentes características espaciais, psicológicas, econômicas, ecológicas não permite que se domine o conjunto. A complexidade da paisagem é o tempo morfológico (forma), constitucional (estrutura) e a funcionalidade que não pode ser reduzida em partes. A paisagem é um sistema que imbrica o natural e o social.

Pode-se dizer que paisagem é tudo o que está ao nosso redor, porém não tem uma existência própria, porque ela existe a partir do momento que o sujeito percebe ela, e cada um a vê de forma diferente, não só em função da observação, do olhar, como também em função dos seus interesses individuais. Brunet, citado por Rougerie et Beroutchachvili, considera que "não há olhar 'objetivo' sobre um objeto tão complexo como a paisagem (...). A paisagem não existe em si, ela é um olhar

⁶ Entende-se como geossistêmico a integração de todos os elementos de uma paisagem. (Capdevila, 1993).

particular sobre um fragmento da realidade geográfica, uma 'invenção' histórica e cultural". (Rougerie et Beroutchachvili, apud Pasos, 1998:143).

Para Santos (1997: 62), "a dimensão da paisagem é a dimensão da percepção, o que chega aos sentidos. Por isso, o aparelho cognitivo tem importância crucial nessa apreensão, pelo fato de que toda educação, formal ou informal, é feita de forma seletiva, pessoas diferentes apresentam diversas versões do mesmo fato".

Isso significa que é preciso ultrapassar a paisagem visível, descortiná-la para chegar ao seu significado. Ela precisa ser vista além da sua aparência, precisa-se buscar explicação para o que está por detrás da paisagem. Segundo Denis Cosgrave, citado por Maciel (2001: 107), "toda paisagem é simbólica, é também aquilo que se imagina e que recebe diferentes valorações e sentidos culturais".

"Através da paisagem, a configuração territorial apenas se dá parcialmente miniaturizada pelas fotografias ou mapas e cartas, à medida que se tenha o domínio da informação" (Santos 1997: 76). Observar a paisagem implica uma visão parcial do espaço geográfico.

4. (Re)significando o estudo da paisagem na Geografia escolar

A paisagem na Geografia teve grande ênfase no século XIX, tornando-se insatisfatória no século XX, quando outros conceitos ganharam destaque na compreensão do espaço geográfico. Somente no final do século XX, por volta dos anos 70, é que ocorre uma retomada do estudo da paisagem. Assim como a paisagem deixou, por um tempo, de ser o centro das discussões e investigações científicas, ela também ficou à margem no ensino da Geografia nas salas de aulas, prevalecendo metodologias que propunham somente a descrição e o enfoque estático da paisagem, em detrimento ao seu aspecto dinâmico.

Assim como aconteceu a retomada da paisagem na ciência geográfica, acredita-se que também no ensino, de uma forma bastante

lenta, isso também venha a acontecer, pois conforme os PCNs, quando trata do *conhecimento geográfico e sua importância social*, a paisagem está como objeto central dos estudos geográficos, sendo uma abordagem bastante intensa e profunda. Nesse material, a conceituação da paisagem está muito clara no sentido de percebê-la de forma integrada.

Buscando a conceituação da paisagem nos PCNs (1998: 28) tem-se o seguinte:

Quando se fala da paisagem de uma cidade, dela fazem parte seu relevo, a orientação dos rios e córregos da região, sobre as quais se implantaram suas vias expressas, o conjunto de construções humanas, a distribuição de sua população, o registro das tensões, sucessos e fracassos da história dos indivíduos e grupos que nela se encontram. É nela que estão expressas as marcas da história de uma sociedade, fazendo assim da paisagem um acúmulo de tempos desiguais.

Ao comparar a definição de paisagem com o entendimento que a maioria dos professores possuem, percebe-se um distanciamento muito grande, já que a maioria entende a paisagem de forma fragmentada, a paisagem natural em oposição à cultural, como se os elementos existissem isolados, ao invés de uma visão sistêmica e unitária, onde todos os elementos encontram-se em sintonia. Parece que está faltando conhecimento para o professor, a fim de mediar o conhecimento prévio do aluno, as suas vivências e suas experiências que necessitam ser articuladas com os saberes científicos para, assim, acontecer uma reflexão no ensino da Geografia no cotidiano escolar.

É de extrema importância fazer essa conexão entre a prática vivida, ou seja, as definições preestabelecidas pelos alunos, com os conceitos de concepção científica, aqui em especial falando da paisagem, pois é através dessa confrontação que vai ocorrer a reformulação de seus significados e sentidos, para, a partir disso, ocorrer uma reorganização e produção de uma nova experiência, possibilitando uma reelaboração e uma maior compreensão do espaço vivido.

Neste sentido, Callai (2000:103 - 104) faz a seguinte manifestação:

Em geral, todos temos conceitos formulados a respeito das coisas, e a tarefa da escola é favorecer a reformulação dos conceitos originários do

senso comum em conceitos científicos. (...) Os alunos têm as suas próprias concepções a respeito de muitas coisas. Porém o trabalho de superação do senso comum como verdade e a busca das explicações que permitem entender os fenômenos como verdades universais, exige que se faça reflexões sobre o lugar como espaço de vivência, analisando a configuração histórica destes lugares para além de suas aparências.

Considera-se que a vivência é uma importante dimensão do conhecimento, porém ela não pode ficar limitada a isso, porque o processo de ensino necessita de reflexão. Sabe-se que essa reflexão nem sempre ocorre de forma satisfatória, já que os professores têm dificuldade de trabalhar os conceitos básicos da Geografia pelo fato de eles próprios não terem conhecimentos mais amplos e aprofundados, ou seja, mais fundamento científico.

Finalizando...

Construir conhecimento é uma batalha constante, é um processo que depende de uma abstração reflexiva, ou seja, é algo construído internamente, que se contrapõe a uma sociedade ancorada na informação, no prazer e no imediatismo, onde o que mais interessa é o que atende a uma demanda pragmática e urgente. Assim, enquanto educador, é fundamental procurar desenvolver um senso crítico nos educandos, a fim de que entendam que o conhecimento que hoje está em segundo plano, ou simplesmente não existe, é necessário para o progresso da humanidade, para a obtenção de "sucesso na vida". Afinal, é somente através dele que se conquista autonomia e, conseqüentemente, é um instrumento de proteção contra a alienação.

Entende-se que, a partir do estudo da paisagem, é possível vivenciar um primeiro plano de identificação do lugar, criar elos afetivos e sentir-se parte integrante daquele espaço. Essa construção de significados acontece a partir das relações estabelecidas entre o que se observa e o que se vivencia. Somente no momento em que se estabelecem laços afetivos com o lugar em que se vive é que as pessoas

poderão se tornar participativas e capazes de operar transformações no espaço vivido, porque estão se sentido parte integrante dele.

Referências bibliográficas

BERINGUIER C.; BERINGUIER P. *GEODOC*. Documents de Recherche de L'ufr Geographi et Amenagemet. Universite de Toulouse – Lê Mirail. Manieres paysageres une methode détude, des pratiques. n. 35. 1991.

BERTRAND, Georges. Le paysage entre la Nature et la Société. In: *La théorie du paysage en France 1974-1994*. Champ Vallon, 1995. p. 88-108.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *PCNs - Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia*. Brasília: MEC/SEF, 1998. 158 p.

CALLAI, Helena Copetti. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos (Org.). *Ensino de Geografia. Práticas e Textualizações no Cotidiano*. Porto Alegre: Editora Mediação, 2000. p. 83-131

CAVALCANTI, Lana de Souza. *Geografia, escola e construção de conhecimentos*. Campinas: Papirus, 2004. 192 p.

CORREA, Roberto Lobato e ROSENDHAL, Zeny (Orgs.). *Paisagem, Tempo e Cultura*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998. 123 p.

KAERCHER, Nestor André. *A Geografia escolar na prática docente: a utopia e os obstáculos epistemológicos da Geografia crítica*. São Paulo: USP/FFLCH, 2004 (Tese de Doutorado). 364 p.

_____. Geografizando o jornal e outros cotidianos: práticas em Geografia para além do livro didático. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos (Org.). *Ensino de Geografia. Práticas e Textualizações no Cotidiano*. Porto Alegre: Editora Mediação, 2000. p. 135- 169.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. *Geografia e Modernidade*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1996. 366 p.

MACIEL, Caio Augusto Amorin. Morfologia da paisagem e imaginário geográfico: Uma Encruzilhada Onto-Gnoseológica. In: *GEOgrafia* – Ano 3, n. 6. Universidade Federal de Pernambuco, 2001. p. 99-117.

ROUGERIE, G. et BEROUTCHACHVILI. *Géosystèmes et Paysages*. Bilan et méthodes. Paris, Armand Colin, 1991. p. 1-246.

ROUX, Anne Le. (Coord.). *Enseigner le paysage? Ecole élémentaire, collège, lycée, IUFM*, 2001. 106 p.

SANTOS, Milton. *Metamorfoses do Espaço Habitado*. 5. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

SAUER, Carl. La Geografía Cultural. In: MENDONZA, J. G.; JIMÉNEZ, J. M.; CANTERO. Y N. O. (Org.) *El pensamiento geográfico. Estudio interpretativo y antología de textos (De Humboldt a las tendencias radicales)*. Madrid: Alianza Editorial, 1982, p. 349-354.

SUERTEGARAY, Dirce M. A. Espaço geográfico uno e múltiplo. In: SUERTEGARAY, Dirce M. A.; BASSO, Luis A.; VERDUM, Roberto. *Ambiente e Lugar no Urbano – A Grande Porto Alegre*. Ed. Universidade/UFRGS, 2000. p. 13-34.

PASSOS, Messias Modesto dos. Resenha – Rougerir, G. et Beroutchachvili, N. – Géosystèmes et Paysages. Bilan et méthodes. Paris, Armand Colin, 1991. 302 p. IN: *Geosul*, v. 13, n. 25. Florianópolis, 1998. p. 143-150.

TONINI. Maria Ivaine. *Geografia escolar: uma história sobre seus discursos pedagógicos*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003. 88 p.

TROLL, Carl. El paisaje geografico y su investigacion. In: MENDONZA, J. G.; JIMÉNEZ, J. M.; CANTERO. Y N. O. (Orgs.) *El pensamiento geográfico. Estudio interpretativo y antología de textos (De Humboldt a las tendencias radicales)*. Madrid: Alianza Editorial, 1982, p. 323-329.

VILA, Rosalina Pena i. Paisaje y educación ambiental. In: *Manual de Ciencia del Paisaje. Teoría, métodos y aplicaciones*. Aleu, S.A., Barcelona, 1992. p. 221-232.